

Intervenção de Carlos Almeida no Cordão Humano pela Palestina

«Estamos numa posição moral e política insustentável. Ficamos diante do mundo mergulhados na nossa barbárie. Estamos envolvidos numa guerra que procura fazer recuar o relógio da história e perpetuar o colonialismo branco». Quem proferiu estas palavras, referindo-se à guerra do Vietnam, foi Martin Luther King, no dia 25 de Fevereiro de 1967, em Beverly Hills, California,

Talvez nunca como hoje, dia 16 de Dezembro de 2023, estas palavras tenham voltado a ser tão actuais. Aqui estamos, 71 dias decorridos da agressão genocida lançada por Israel sobre a população palestina, com a bênção dos EUA, com o apoio político, diplomático e financeiro dos EUA, as armas, os aviões e os mísseis dos EUA, os militares e os mercenários dos EUA. Uma guerra que é promovida para defender um regime ilegal e politicamente imoral de colonização, ocupação, apartheid e discriminação.

Esforçam-se, alguns, por convencer-nos que o governo dos EUA exerce uma influência moderadora sobre os planos de guerra de Israel. A esses apetece perguntar o que deveríamos esperar se essa influência não existisse? Um bombardeamento nuclear sobre Gaza? Se é isso, tomem nota: a carga explosiva lançada por Israel sobre a população daquele território já ultrapassa o equivalente a duas bombas de Hiroshima. Pedem-nos que esqueçamos o alinhamento cego com o sionismo, a participação no conselho de guerra de Israel e a licença para matar desde então sempre reiterada, todas as medidas tomadas por Trump que Biden não reverteu – o reconhecimento de Jerusalém como capital do Estado de Israel, a aceitação dos colonatos, a anexação dos Montes Golã – e que acreditemos em palavras vagas que simulam distanciamento em relação à chacina, calculadas apenas em função da agenda eleitoral norte-americana e, por isso, ainda mais insultuosas e insuportáveis.

Construídos sobre a sujeição e o genocídio dos povos indígenas, a exploração de milhões de africanos escravizados transportados à força do continente africano, a exploração neocolonial e a projecção do poderio militar pelos quatro cantos do mundo, os EUA, as suas elites políticas e económicas, olham Israel como o seu duplo, o irmão gémeo, também ele construído sobre o genocídio da população indígena da Palestina. Por isso, os EUA são o principal suporte, político e material, do estado de Israel. Deram e dão cobertura à política de ocupação, à colonização, à destruição diária da viabilidade da solução dos dois estados que dizem defender, mas que sempre trataram de boicotar.

Em Abril de 1967, o mesmo Martin Luther King Jr. proferiria, na igreja de Riverside em Manhattan, o célebre discurso *“Beyond Vietnam: A Time to Break Silence”*. São daí as palavras que vos cito de seguida: *«eu sabia que nunca mais poderia levantar a minha voz contra a violência dos oprimidos nos guetos sem antes ter falado claramente do maior responsável pela violência no mundo actual: o meu próprio governo.»* Mais do que qualquer outra região do mundo, o Mediterrâneo Oriental tem provado o acerto desta afirmação: Iraque, duas vezes, Líbia, Síria, Líbano, Iémen, Barém, para não falar no Afeganistão. Agressões e guerras impostas das quais aqueles países nunca recuperaram e cujas ondas de choque reverberam ainda. Guerras, diga-se, em que o povo palestino foi sempre vítima, a par dos respectivos povos. Guerras, todas, sempre alimentadas por discursos eloquentes sobre os *“valores ocidentais”* desmentidos todos os dias pela violência cega dos bombardeamentos, e a brutalidade dos massacres e crimes de guerra.

Tantas guerras, tanta violência, na ânsia de sufocar a afirmação soberana dos povos, de quebrar a sua resistência, de *“fazer recuar o relógio da história”* de que falava Luther King. Também em Gaza, nos dias que correm. Tudo em vão. Escutem o que escreveu Darwish:

O inimigo pode derrotar Gaza.

(O mar tempestuoso pode inundar uma pequena ilha.)

Eles podem cortar todas as suas árvores.

podem quebrar os seus ossos.

podem plantar os seus tanques nas barrigas das suas mulheres e crianças,

ou podem até afogá-la na areia, no mar, no sangue.

Mas: Gaza não repetirá as mentiras.

Gaza não dirá sim aos conquistadores.

E continuará sempre revolta.

Não é morte e não é suicídio, é a maneira de Gaza proclamar que é digna de viver”.

(Mahmud Darwish, Journal of an Ordinary Grief, 1973)

Aqui estamos, aqui continuaremos. Não permitiremos que silenciem o sofrimento do povo palestino, em Gaza ou em Jenin, em Khan Younis ou em Nablus. Voltaremos à rua no dia 14 de Janeiro, para uma manifestação para a qual todas e todos estão convocados. Aqui estaremos sempre, nestes dias mais do que nunca, para lembrar que na terra que ofereceu o Natal ao mundo, sujeito à mais inominável injustiça, há um povo a lutar pela sobrevivência, com uma dignidade inexcusável e uma determinação que não acaba nunca. Seguiremos de braço dado, como hoje, com os homens e as mulheres da Palestina, os seus médicos e os seus enfermeiros, os seus jornalistas e os seus repórteres, os seus jovens e as suas crianças, porque com eles aprendemos que a solidariedade é a forma digna de viver.

Palestina sempre!

Lisboa, frente à Embaixada dos Estados Unidos da América, 16 de Dezembro de 2023